

—Compõe-se o livro de Rodrigues Júnior: «Homem, Trabalho e Salário», (Lisboa-1939), de vários ensaios:—«Homem, trabalho e salário», «Os falsos e os verdadeiros profetas», «Apontamentos para um estudo sobre Adeodato Barreto», «O homem é essencialmente bom?», «Os falsos e os verdadeiros cristãos». O ensaio que dá o nome ao livro é, em nosso entender, o mais importante e o que mais directamente nos interessa. Julgar-se-ia, pelo título, tratar-se de um estudo positivo das relações entre o homem, o trabalho e o salário—sobre a acção entre eles (relacionando isto, ainda, com as realidades da vida social), apresentando estatísticas, informes científicos sobre as condições em que actualmente o trabalho se efectua e suas consequências; sobre os resultados de toda a ordem da aplicação dos novos métodos de trabalhar (taylorismo, cadeia mecânica de Ford), crítica desses métodos baseada em dados positivos; consequências derivadas do nível actual dos salários tanto entre nós como no estrangeiro; capacidade produtiva do homem, etc., etc.

O carácter da obra não é, porém, este, muito pelo contrário. Rodrigues Júnior encara as questões de um modo abstrato, idealista, chegando mesmo a ser metafísico.

Dadas a posição idealista e metafísica de Rodrigues Júnior e a nossa posição materialista e anti-metafísica, achamos inútil enumerar aqui todos os pontos de discordância, porque a discordância nos pontos particulares resulta directamente dessa diferença de posições. Quanto a nós, a posição idealista e metafísica de Rodrigues Júnior trai completamente as suas intenções. Isto porque a ideologia de R. J. não nos parece poder ser servida por essa posição (é possível que R. J. julgue que exageramos, porém, se meditar atentamente na história social do idealismo e da metafísica, cremos que nos entenderá). A falta de um método positivo, realista de interpretar a vida, a história e o mundo (e esse método é, para nós, o materialismo dialéctico) dá lugar, no trabalho de R. J., a que o autor perca de vista uns tantos factos e relações que para nós são essenciais. Isto vê-se claramente quando R. J. afirma ser a transformação da sociedade «uma consequência da transformação interior do indivíduo» (perdendo-se assim a ideia da inter-acção entre estes dois elementos) e, ainda melhor, quando traça um esboço, aliás bem abstrato, da evolução das condições do trabalho e da produção. Sobre os outros trabalhos, como pontos particulares, o que temos não pretendemos apreciar aqui a dizer cabe inteiramente dentro daquilo que atrás deixamos escrito.

L. V.

—A «Seara Nova» lançou no mercado uma segunda edição de «A cultura integral do indivíduo» de Bento de Jesus Caraça, obra de real merecimento onde os grandes problemas da nossa época são estudados com precisão e vigor. A edição vem enriquecida com esplêndidas notas que a tornam da mais flagrante actualidade. Recomendamos aos nossos leitores uma leitura atenta desta obra.

—«Gente de bem», o último livro de Assis Esperança, foca o ambiente da grande burguesia. Uma leitura útil.

C R I T I C A

Nova ciência de punir

por Vasco da Gama Fernandes, Lisboa, Cadernos do «Jornal do Fôro», 1939

inquerito intelectual em que intervissem, além de outros técnicos, «os mestres da psicologia que instilassem no novo Código os largos ensinamentos que a metafísica vai criando, na sua faina de descortinar no complexo humano as múltiplas variantes da sua alma inquieta e enigmática» (o sublinhado é meu). Confrontados com o materialismo moderno, que se apoia nas conclusões indiscutíveis da ciência, confrontados com a psicologia concreta (cfr. os trabalhos de Henri Wallon e Georges Politzer),—os «largos ensinamentos que a metafísica vai criando» são as mais completas mistificações da ideologia contemporânea. Mas, eu prossigo na demonstração de que o Dr. Vasco da Gama Fernandes é um idealista. Na pág. 43, refere-se de passagem ao «grande Ortega y Gasset». Ora, só um idealista, inconscientemente, pode considerar grande o pseudo-filósofo da *Rebelión de las massas*. Quem tiver ainda dúvidas, leia o prefácio que ele escreveu à tradução francesa desta obra, editada pela casa Stack. Na pág. 28, o Dr. Vasco da Gama Fernandes afirma: «Não há fronteiras políticas capazes de separar os homens nesta matéria. Para que isso aconteça avalie-se da rigorosa verdade, da força imparável das novas doutrinas... É claro que os descentes continuam a superabundar...». Parece concluir-se daqui que o A. ignora o carácter ferozmente retrógrado da moderna realidade penal alemã. O autor parece negar a influência das fronteiras políticas nesta matéria. E eu penso no fascismo. Mas, realmente, não se pode afirmar, em absoluto, que o A. não tem razão. A sua afirmação é tão vaga, tem de tal maneira marcada a maneira idealista de ver as coisas,—que eu não sei como contraditá-lo, sem atribuir às suas palavras um sentido que possivelmente lhes não quis dar... Na pág. 25, chama «grande» a Saldaña. E, na pág. 46, resumindo a concepção deste tratadista sobre a endocrinologia, escreve: «Entende ainda que neste vasto campo experimental, a endocrinologia prescrua toda a influência múltipla dos fenómenos do além» (o sublinhado é meu). Confesso que não compreendo como, sem se ser idealista, se pode chamar grande a um homem a quem

se atribuem ideias tão absurdas e incientíficas sobre a endocrinologia?! O A. termina o seu ensaio escrevendo: «Nós portugueses somos, por certo, e ainda, dos derradeiros portadores daquele puro sentimento moral que Guyau definiu como «fazer o bem pelo próprio bem» (o sublinhado é meu). É idealista a afirmação em relação aos portugueses e é idealista a ideia de que «fazer o bem pelo próprio bem» é um «puro sentimento moral». Só por uma fantástica mistificação se pode falar em puros sentimentos morais, quando a moral é uma realidade concreta, condicionada pela totalidade histórica de cada época.

O principal erro a que conduz a sua posição idealista e o seu método metafísico é explicar a criminalidade com base em razões predominantemente, senão exclusivamente, bio-psicológicas. Talvez que o Dr. Vasco da Gama Fernandes tenha sido levado a aceitar (embora não o diga) como quasi inteiramente verdadeira esta frase do Prof. Ballet, que cita na pág. 34: «o estado mórbido tem na génese do delito uma preponderante, mesmo exclusiva importância». E talvez aconteça o mesmo com a opinião de Forel e Yvernès segundo a qual «o alcool é culpado de metade a três quartas partes dos crimes» (pág. 36).

Se o autor seguisse o método dialéctico e, portanto, considerasse a criminalidade em movimento, no seu devir histórico, e nas suas relações, integrada no todo da vida social; se, por outro lado, partisse da teoria materialista que explica a consciência pela vida social,—não poderia deixar de apontar, o que não fez, as causas económico-sociais do crime. Vê-se, assim, ineludivelmente, que entre o materialismo e o idealismo há uma oposição irreductível. Se considerarmos que o A. enfileira numa orientação política em que o idealismo é a filosofia oficial implícita (o livro é dedicado ao Sr. Cunha Leal, autor de *A técnica e as transformações sociais contemporâneas*, obra idealista e pequeno-burguesa da primeira à última página); se não esquecermos que o materialismo esclarecido é ainda insuficientemente conhecido entre nós;—não nos admiraremos de encontrar em *A nova ciência de punir* aquilo que o seu autor realmente lá pôs, isto é, uma boa intenção, mal servida embora por uma filosofia ultrapassada, ao serviço da causa da justiça.

Resta dizer que o opúsculo está escrito com grande clareza e num estilo correntio, muito de apreciar.

EDUARDO REIS